

COR, HISTÓRIA E IDENTIDADE

- sobre o saber e o fazer cotidianos do negro no Brasil –

Tatiana Valladão (UERJ)

Aline Pedro (UERJ)

Crystiane Cavalcante (UERJ)

Rafaela Cabral (UERJ)

Ticiano Hatscheck (UERJ)

Tomando como ponto de partida a noção das múltiplas redes cotidianas de conhecimento, é possível perceber sua aplicação no processo de busca da identidade. Esta surge ao longo de nossa existência, através das relações estabelecidas entre nós e o mundo e apresenta-se de maneira multifacetada e em constante transformação, como nos aponta Hall (2002):

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (...) à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente(p.13).

Sendo assim, pensar a identidade negra é considerar essa constante transformação e buscar compreender como e porque ela ocorre. Em um país miscigenado como o Brasil é comum a dificuldade em definir-se branco ou negro, seja pela larga variedade de cores que compõem a pele brasileira ou pela reação que a resposta causará num determinado *espaçotempo*¹. Sobre isso, Gusmão (1999) lembra que



negar-se e assumir-se como negros faz parte do movimento contínuo de refazer-se frente às necessidades e lutas que lhes deram a condição de “videntes”, capazes de produzirem a vida e se reproduzirem frente a outros grupos, frente a um mundo hostil.(p.150).

¹ Nilda Alves (data) propõe que assim seja escrito na tentativa de, pela escrita diferente, indicar a necessidade de superação da herança de dicotomização de termos, herdada da modernidade.

Os mitos infantis

Quem ao longo de sua trajetória como aluna ou professora nunca se deparou com a situação de uma encenação de peça escolar cotidiana tendo entre seus personagens a criança loira, de cabelos lisos ou de pele clara, o “mocinho” ou a “princesa” e a criança de pele escura e cabelos cacheados como o “bandido” ou a “bruxa”?

Isso é apontado não só por professores/professoras, mas pelas próprias crianças que já nascem ouvindo histórias de Branca de Neve e Cinderela e muito pouco, ou nada, ouvindo das histórias dos outros povos que formam a nação brasileira, a não ser como folclore. Se pararmos para pensar nas histórias infantis, perceberemos que há uma formação deficiente no que se refere ao que poderíamos chamar de multi-eticidade. Há, em especial, falta de referência negra nas histórias infantis, o que causa um grande desprestígio para crianças negras que vêem sempre a fada e a princesa como algo inatingível, já que estas são descritas com o tipo de beleza, sendo que tudo o que lhe é diferente é visto como “feio”. Gonçalves (2000) nos descreve melhor isso ao relatar uma dessas histórias cotidianas de escola:

...uma criança com cabelos longos e pele clara, quer representar a madrasta. Porém, a maioria da turma protesta, argumentando que a menina não tem aparência de má. O papel deveria caber a uma outra menina. Essa outra possui cabelos grandes e crespos, e a pele escura. As crianças afirmam que ela, sim, deveria ser a madrasta, pois parecia uma “bruxa má”, “de cara feia”. (...) Nas aulas seguintes, a aluna negra aparece com seus cabelos alisados. (p.60)

Ao lembrar de personagens negros, nos vem à mente o Saci Pererê, que é um negrinho com uma perna só e fuma cachimbo, causando problemas aos outros; a Tia Anastácia, negra e gorda, é a empregada do Sítio do Pica Pau Amarelo... São essas as referências de personagens negros que têm nossas crianças. Será que elas se perguntam como seria se a Branca de Neve fosse negra e os anõezinhos morenos, mulatos, caboclos, índios... Uma história assim teria, talvez, a cara do Brasil, um país de grande diversidade étnica.



Quando pensamos em grandes nomes em nosso país, negros, falamos de jogadores de futebol e sambistas. Como então mostrar para um aluno negro que ele pode ser médico, engenheiro, artista de cinema, se ele não tem em quem se espelhar? Como falar sobre cidadania na escola se o preconceito

racial se encontra tão presente no cotidiano escolar?

Preparar nossos alunos para o exercício da cidadania fica um tanto quanto difícil se o preconceito encontra-se embutido nos colegas de classe, nos pais dos colegas e até mesmo no corpo docente, já que a escola é um lugar de construção desse exercício como nos descreve Valle (2000) dizendo que

a Escola que serve de instrumento da construção da cidadania (...) não é “cidadã”. Ela é, sim, pública, democrática, universal, laica, na medida em que se faz instrumento de construção da cidadania, pela formação dos futuros cidadãos. Mas não é cidadã, ela não tem em si a cidadania, não pode fabricá-la, nem doá-la, nem pode garantir, por si só, sua existência. Em um sentido bastante estrito, a Escola não é lugar de exercício da cidadania, não se entendemos o que, essencialmente, implica esse exercício. Mas pode ser um lugar em que se prepara e se constrói esse exercício.(p.28)

Esta situação vem mudando graças, sem dúvida a militantes do movimento negro que têm colocado a nossa disposição materiais diversos sobre a cultura africana e a cultura afro-brasileira. Hoje temos lindo livros, cursos interessantes, publicações diversas que ajudam a melhor compreender essa questão e tentar invertê-la.

A imagem do negro na mídia



Embora muito se tenha conseguido mudar graças a esses movimentos e criações, os negros e com eles todos nós que queremos um Brasil mais igualitário e justo para todos, ainda hoje, muito temos que lutar.

A partir de nossas observações enquanto telespectadoras, podemos constatar a presença mínima de negros em programas televisivos. Podemos perceber, então, que um grande desafio dos meios de comunicação hoje, 115 anos depois da assinatura da Lei Áurea, é reconstruir a imagem dos negros, deixando de lado a idéia de que são coitadinhos, e ao contrário, mostrando lutadores que diariamente travam batalhas em sua vida cotidiana contra o preconceito, o racismo, a discriminação e para que se cumpram as leis que lhes asseguram que independente da cor de sua pele são seres humanos e merecem e devem ser tratados como tais, com os mesmos direitos e deveres.

Nas novelas os papéis principais são sempre destinados aos brancos. Aos negros cabem os outros personagens, em geral os de escravos em novelas de época, empregados ou pessoas com condições financeiras bem inferiores se comparada com a daqueles personagens que residem em luxuosas mansões ou ainda o papel de delinquentes. Quando se comenta isto é

comum ouvirmos: “mas esta é a realidade!” Como se não tivéssemos presente, em nosso país, artistas negros maravilhosos (pintores, escultores, escritores, atores, dos dois sexos) e um povo lutador apesar das tantas agruras e dificuldades porque passam.

Não faz muito tempo, foi destaque na mídia o fato de um negro, pela primeira vez, apresentar o Jornal Nacional, fato que provavelmente não chamou tanta atenção pelo apresentador, mas pelos anos de estrada que este programa tem no ar e o tempo que isto demorou a acontecer. Outro exemplo, no telejornalismo, a repórter Glória Maria certamente constitui uma rara exceção em nossa tv, mulher, negra, bem sucedida e famosa não por seus dotes físicos, mas por seus atributos intelectuais. Tudo isto tem a ver, sem dúvida, com os tantos movimentos negros que vêm conseguindo fazer entender a importância da igualdade, fazem parecer “feio” a posição de discriminação a que estávamos “acostumados”.

O Sítio do Pica-pau Amarelo, obra de Monteiro Lobato, em mais uma versão para tv, “modernizada”, trouxe de volta os seus velhos personagens, “anteados” com a modernidade mas cada um no “seu lugar”: de um lado os patrões brancos e de outro os empregados negros - Dona Benta usando a Internet, enquanto na cozinha Tia Anastácia utiliza o forno microondas. Na nova versão do programa infantil, esses aparelhos tecnológicos provavelmente estão sendo usados, para atualizá-lo aos dias de hoje, porém este “avanço tecnológico” só fez deixar mais clara a diferença existente entre classes e etnias, ressaltando a cisão entre o saber intelectual representado pelo branco à frente do computador versus o saber manual executado pelo negro na cozinha.

A obra literária “O auto da compadecida” que posteriormente se transformou em filme, trouxe um Jesus Cristo negro, bem diferente daquela imagem europeizada a qual estamos acostumados a ver. Isto será um avanço? Por que aconteceu?

Há pouco tempo a produção cinematográfica “Cidade de Deus” roubou a atenção da mídia. O filme brasileiro, de Francisco Meirelles, trouxe em sua história o cotidiano de tantos brasileiros, falando do tráfico de drogas e de seu violento submundo, nos revelou uma realidade recheada de palavrões e marginalidade. Trouxe como protagonistas atores negros que representaram cenas fortes tendo como cenário o cotidiano dos morros e favelas cariocas. O filme teve tanto sucesso de crítica que foi criada uma espécie de adaptação para tv, uma série com quatro capítulos - a “Cidade dos homens” - com os mesmos atores do filme e trazendo o mesmo tema, a realidade da população de baixa renda que é obrigada a conviver com a marginalidade gerada pelo tráfico, e que seguiu o mesmo ritmo do longa metragem, embora um pouco mais “leve”. Mas cabe perguntar: é só isto que pode ser mostrado como

personagens negros? Não existe muito mais, em uma realidade tão complexa como a brasileira? Um dos fatos que chamou bastante atenção é que embora o filme não tenha sido gravado em Cidade de Deus, bairro/favela do Rio de Janeiro, seus moradores polemizaram com o filme dizendo que o que foi filmado não é a única realidade existente naquele local.

Negar a presença do negro nos diversos espaços da sociedade significa ser conivente e perpetuar a dominação cultural imposta pelos brancos no período colonial. Assim como o europeu branco, o negro africano também marcou e contribuiu de forma expressiva em nossa cultura e são maioria, hoje, do povo brasileiro. Precisamos, assim, conhecer e fazer conhecer, a história dos afro-descendentes e sua rica cultura, prova de resistência desse povo contra toda a opressão sofrida.

A mídia audiovisual nos mostrando a imagem dos afro-brasileiros como subalternos e, raríssimas vezes, exercendo funções que exigem um profissional diplomado em nível superior, não contribui para a mudança necessária. Em geral, a imagem do negro que mostra é sempre associada à escravidão, o que gera baixa-estima e discriminação, até mesmo por parte dos próprios negros que não querem se identificar com os derrotados.

É preciso lembrar que ninguém nasce racista, o preconceito surge do convívio em sociedade, na família, na escola, e a mídia precisa avaliar até que ponto não está contribuindo para propagação de idéias discriminatórias e valores distorcidos em relação aos negros, em especial a televisão que é a mídia à qual a maioria tem acesso.

Isso indica, em uma sociedade como a nossa, que um dia as crianças possam crescer assistindo na tv ou lendo nas revistinhas em quadrinhos histórias de existem heróis negros como elas; que as adolescentes possam se identificar com alguma heroína de novela cabelo crespo e nariz largo; que os negros adultos não se reconheçam apenas ao ver as partidas de futebol.

A mídia tem uma grande dívida com a população negra, porém não adianta querer falar apenas para os negros, a mensagem deve ser leva a toda sociedade. Precisamos de alternativas que nos apontem que negros, brancos, amarelos, vermelhos e todas suas miscigenações são igualmente importantes e devem ser valorizados e respeitados por isto. A imagem do negro deve ser redesenhada e seu papel na ficção reescrito, como nos vêm indicando, como possibilidade, nossos tantos artistas negros.

Resgatando a história, buscando a cidadania

Em agosto de 2001 foi realizada na África do Sul a III Conferência Mundial sobre Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlatas. Nela, 177 países se comprometeram com o desenvolvimento de ações concretas para pôr em prática a máxima concluída por eles de que *os povos não têm raça nem cor. Povos têm História*.

Resgatar e valorizar o papel do negro na construção do Brasil de hoje é fundamental para assegurar ao negro o conhecimento e o orgulho de suas origens e a todos e todas os brasileiros a possibilidade de serem melhores como povo.

Mas, ninguém gosta de se identificar com o vencido, o torturado, o explorado. Como é possível, então, uma criança persistir em um sonho se suas raízes estão engajadas em atividades pré-estabelecidas pelo preconceito? Como se achar bonito e se gostar do jeito que é, se a sociedade impõe um protótipo de beleza das histórias contadas em família, pela professora e nas mídias como sendo a do loiro, branco, de cabelos lisos e olhos azuis?



Omitir as figuras negras de importância na historiografia brasileira e as tantas e tão belas contribuições da cultura negra ao povo brasileiro, é contribuir para o desenvolvimento de identidades distorcidas. Uma criança ou adolescente negro não pode apenas possuir como modelo de sucesso os jogadores de futebol, as dançarinas e os sambistas. Dentre nossos inúmeros antepassados ilustres há uma gama de representantes negros: Castro Alves, Lima Barreto, Machado de Assis. Aleijadinho, André Rebouças e Nilo Peçanha. Mais recentemente podemos lembrar de Grande Otelo, Zezé Motta, Dorival Caymmi.

Ser educador hoje, ao nosso ver, entre outras coisas, é buscar o que se esconde nas imagens das múltiplas linguagens que usamos hoje, nos tantos cotidianos em que vivemos e nos quais vivem nosso alunos e alunas. Que imagens fazem quando lêem um texto, assistem a um filme ou a uma aula, ouvem uma música ou refletem sobre as notícias de jornal? Criar na escola *espaçotempo* para trabalhar, todo dia e de modo consciente, com as imagens que os “praticantes” (Certeau, 1994) de seu cotidiano usam e criam, ajuda a uma reflexão mais profunda sobre a realidade em que vivemos em relação à contribuição da cultura negra ao povo brasileiro. Por isso mesmo, também proclamamos:

A educação não pode mais pretender ser uma atividade que quer mudar o mundo sem admitir que ela mesma possa sofrer alguma mudança, como se fosse um automóvel com um espelho retrovisor maior que o pára-brisa dianteiro”. (Mcluhan In: Calado, 1994)



Portanto, esperamos que cada vez mais se possa ultrapassar as barreiras e armadilhas da racionalidade moderna e quebrar as “grades” curriculares que nos aprisionam e que organizam o saber como se estivéssemos condenados a uma eterna reprodução do conhecimento estruturada numa linha de montagem. Pelo contrário, queremos que as fantasias sejam aguçadas para que novas realidades apareçam. Que venham novos ‘insights’ da imaginação criativa capazes de quebrar as regras autoritárias existentes, às vezes clandestinamente, no complexo processo de ensino-aprendizagem. E, se no fim das contas nada disso for o bastante, ainda resta ao povo brasileiro a proteção de uma padroeira que, de branca, não tem nada.

A imagem e a produção de vídeo

Os temas que abordamos até o momento, nos fizeram pensar que a ausência de figuras (e nomes) de negros na educação brasileira, suscitam uma discussão já conhecida por vários entre nós.

Entendemos que isto pode ser invertido, também, se aprendermos com usos alternativos de imagens que alguns professores/professoras, em geral negros, têm feito na escola. Quando dizemos *uso*, pensamos não só no ato de usar algo pronto, já pré-estabelecido, mas também e principalmente, a criação de imagens por nossos educandos, orientados pelos docentes. Partindo dessa idéia, achamos interessante ir à prática cotidiana, trabalhando em pesquisa, buscando elementos mais concretos quanto à criação de imagens (em especial o vídeo), entendendo que essa ação estará nos libertando da hierarquia de poderes estabelecida.

A imagem, de modo geral, incluindo a vasta gama tecnológica, está presente em todos os momentos de nossas vidas. Quando se trata das práticas do ensinar/aprender, existem estudos feitos que mostram sua importância, como sintetizado nas tabelas abaixo:

TABELA 1

<u>COMO APRENDEMOS</u>
1% por meio do gosto, paladar.
1,5% por meio do tato.
3,5% por meio do olfato.
11% por meio da audição.
83% por meio da visão

Fonte: Ferrés (IN: Sancho, 1998).

TABELA 2

<u>RECURSOS DE APRENDIZAGEM</u>	<u>DADOS MANTIDOS APÓS 3 HORAS</u>	<u>DADOS MANTIDOS APÓS 3 DIAS</u>
<i>Somente oral</i>	70%	10%
<i>Somente visual</i>	72%	20%
<i>Oral e visual conjuntamente</i>	85%	65%

Ao refletirmos sobre as tabelas acima, percebemos que a relação da escrita com a imagem é um dos desafios atuais mais importantes para a aprendizagem, já que ao ler textos criamos imagens próprias com as quais elaboramos interpretações que entendemos como verdadeiras. Daí, explica-se a idéia de termos pouco conhecimento de nomes de grandes negros na nossa sociedade, pois o que é oferecido em nossa educação são *branquificações* de personagens importantes, não permitindo que tenhamos exemplos dessa especificidade para construirmos nossas redes de significados.

Nesse sentido e no que se refere à produção de vídeos, temos buscado, dentro do Laboratório Educação e Imagem, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), pensar/estudar o uso de imagens na educação e proporcionar um ambiente com materiais/recursos para esse fim. Nele temos materiais tecnológicos à disposição dos pesquisadores, o que nos dá a oportunidade de passar de consumidores a produtores de vídeos. Já tivemos o privilégio de produzir diversos vídeos, com os quais aprendemos bastante sobre relacionamento humano, sobre educação com imagens, sobre tecnologias. É verdade que, às vezes, nos deparamos com um grande obstáculo: a técnica já está instalada por sistemas televisivos globalizados, que impõe modelos e modas. Não aceitamos, no entanto, pensar tecnicamente de modo exclusivo, pois pensamos, ainda, nas relações humanas cotidianas como únicas e múltiplas ao mesmo tempo, nas quais seria injusto usar artifícios técnicos em nome de um padrão iconográfico pré-estabelecido/pré-construído por determinados grupos da sociedade.

Entendemos que o vídeo, como outras formas de imagens, abre espaço para o tratamento de qualquer tema educacional: as pessoas estão abertas ao novo, porém antes de aceitá-lo elas interpretam e, no nosso entendimento, interpretar é compreender as informações

recebidas. Se há boas e más interpretações, consideramos que o saldo-positivo ou negativo- é, sempre, uma aprendizagem. Segundo Calado (1994), um receptor é ativo não porque resiste, é ativo porque é interativo, se faz sempre na relação com o outro que por sua vez age sobre ele.

Para esse Seminário e para mostrar nossas idéias em acordo com elas, levando-as à prática, elaboramos um vídeo curto, com o suporte do Laboratório acima citado.

Esse vídeo procura expressar, no seu conjunto, o que pensamos e praticamos sobre as questões levantadas nesse texto. Pensamos que ao trabalharmos com professores e professoras na criação de vídeos, sobre a presença do negro na cultura brasileira, precisamos criar, nós mesmas, um vídeo sobre isso, enfrentando as dificuldades do não dito, daquilo que ainda não sabemos, da expressão, de modo bonito, do que deve ser dito.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Nilda e SGARBI, Paulo (orgs). **Espaços e imagens na Escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

CALADO, Isabel. **A utilização educativa das imagens**. Portugal: Porto, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano – as artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FILHO, Aldo Victorio. **A formação contínua no cotidiano** In: _____ e MONTEIRO, Solange Castellano Fernandes (orgs). **Cultura e conhecimento de professoras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GONÇALVES, Maria Alice Resende. **Quem será a Branca de Neve** In: VALLE, LÍlian do (org). **O mesmo e o outro da cidadania**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Herança Quilombola: negros, terras e direitos** In: BACELAR, Jeferson e CAROSO, Carlos (orgs). **Brasil, um país de negros?** – 2 ed. – Rio de Janeiro: Pallas; Salvador, BA. CEAO, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 7 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SANCHO, Juana M. (org.). **Para uma nova tecnologia educacional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOUZA, Yvone, Costa de. **Criança negras: deixei meu coração embaixo da carteira**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

VALLE, LÍlian do. **Cidadania e Escola Pública** In: _____ (org). **O mesmo e o outro da cidadania**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. MULTIRIO. *Inclusão pela cultura: a bandeira dos negros no século XXI*. **Revista Nós da Escola** Rio de Janeiro: outubro de 2002 (10):p.16-20.

www.criativa.com.br